

Os males do estigma

Nelson Passagem Vieira

Adriana Marcondes Machado

Julio tem quase 18 anos e é branco. Na infância morava com seus pais e dois irmãos e era considerado o terror da rua. Conta que tinha uma dor de cabeça constante, diagnosticada como enxaqueca crônica, que o deixava muito irritado.

Chegou a ficar 40 dias na FEBEM e se ressentiu do fato de que as pessoas sempre o veem pelo que ele foi no passado. Esse tema – o aprisionamento dos estigmas – esteve presente durante toda a entrevista.

Atualmente está desempregado, vive com a esposa e o filho pequeno e mora numa edícula situada no quintal da casa do pai, que é eletricitista, para quem faz alguns bicos. O sonho de Julio é conseguir um trabalho com carteira assinada. Diz-se satisfeito por fazer 18 anos, pois, assim, poderá “tirar todos os documentos que tem direito” e se casar oficialmente.

Ao ser indagado sobre a escolarização, relata muitos episódios, sem conseguir datá-los e sem se lembrar bem de sua história escolar, até entrar na Classe de Aceleração, aos 13 anos, quando estava na 3ª série. Não sabe quantas vezes permaneceu na mesma série, pois muitas vezes abandonou a escola no meio do ano letivo. Fala com uma mistura de raiva e tristeza de cenas do cotidiano escolar em que não se sentiu respeitado. Não entendia o que as professoras passavam na lousa; tentava copiar, não conseguia, amassava a folha e jogava fora, recebendo críticas de suas professoras que, segundo ele, deixavam a lição na lousa e iam conversar no corredor. Sem estar alfabetizado na 3ª série, agredia a escola jogando bombas nas privadas e quebrando torneiras. E assim o ciclo vicioso ganhava força: Julio se sentia agredido e agredia as professoras, que o tratavam como agressor. Lembra-se do dia em que a diretora profetizou para sua mãe: ele seria bandido e ladrão, o que a fez chorar muito.

Embora a temática da entrevista fosse a Classe de Aceleração – que Julio entende como sendo “supletivo para pessoas com menos de 15 anos” – dela pouco se falou. O personagem mais importante é o profes-

sor que teve nessa classe: o professor Antonio, um professor negro a que se refere muitas vezes como o professor que soube ver em seus gestos agressivos um pedido de ajuda, vontade de acertar, indignação por não saber fazer. Ao descrever as atitudes que valorizou em Antonio, Julio vai construindo a imagem do professor que precisou, mas não encontrou até então: um professor que oferecia ajuda quando ele desistia; que falava manso (muitas vezes Julio imita, durante a entrevista, o tom de voz que Antonio usava); que pegava a folha que ele amassava ou rasgava e a desamassava e conversava, querendo saber o motivo e como poderia ajudar; que anotava a lição no caderno dele quando sentia dificuldade em copiar. Um professor, enfim, que não entendia a sua recusa de copiar como um enfrentamento pessoal, mas como expressão de dificuldade e impotência, e que procurava em casa os alunos que faltavam muito, para saber o que estava acontecendo. Ele lamenta que só tenha tido a oportunidade de ser aluno de um professor como o Antonio na Classe de Aceleração, pois foi intensa a marca deixada por essa relação numa história escolar toda ela atravessada pelo fracasso.

Depois de ter frequentado a classe de aceleração, Julio foi encaminhado para uma 6^a série. Tendo experimentado o prazer de uma relação em que se aprende, ele critica os supletivos pagos nos quais se consegue passar sem aprender. Ao retornar ao ensino regular, estudou no período noturno e encontrou a mesma escola de antes: seus professores não eram Antonios.

Ele ia ser pai. Saiu da escola.

Julio, portanto, é um egresso do Projeto Classes de Aceleração que não terminou o ensino fundamental. Segundo ele, essa experiência, embora positiva, veio tarde. A produção escolar de alunos fracassados não se altera com os projetos que visam “regularizar o fluxo” do alunado pelos oito anos do ensino fundamental – ou seja, fazê-los escoar mais rápido. Julio fala do que move o desejo de terminar logo a escolarização: “Se você se esforçar, você passa para a 8^a série e sai rápido da escola”. Foi assim que ele e seus colegas entenderam esse Projeto. É impossível desmenti-los. Mas sua crença de que deveria haver mais supletivos em vários horários diferentes mostra que a escola deixou de interessar como lugar de aprendizagem, para ser entendida como lugar de obtenção do diploma por aqueles que, não importam os motivos, não viveram um processo bem-sucedido de escolarização quando crianças.

É com revolta que fala de suas crenças e experiências de trabalho; de desemprego; do computador que tira o trabalhador com escolariza-

ção do mercado de trabalho; de trabalhadores que viram traficantes; da polícia corrupta e da resignação diante da única saída que vislumbra: o assujeitamento. Ele diz: “O jeito é se sujeitar a tudo... tudo o que aparecer para você fazer, você tem que fazer hoje em dia”. As contradições apontadas por Julio deixam-no indignado; ele se percebe capaz numa sociedade que exclui e enfraquece: “se não se investe em aumentar as frentes de trabalho, a educação não serve para nada”. Ao relatar situações nas quais pessoas que terminaram o ensino médio não conseguem trabalho e um conhecido analfabeto exerce cargo de gerência, Julio põe em questão a importância da escola no mundo atual.

Qual é a esperança? A que sustenta tantos pais e mães jovens que tiveram abortadas a escolarização e a juventude: que o filho possa estudar e fazer uma faculdade. E é com o filho no colo, barba feita e com a esposa arrumada que Julio retornou à escola para mostrar à diretora que ele era um “homem” e não aquilo que ela havia profetizado. Todos se emocionaram. Mas ao provar ser um “homem de bem” no sentido obediente da moral e dos bons costumes, Julio mostra que o principal produto da escola foi discipliná-lo, inculcar-lhe os valores do trabalho e da obediência e, assim, ser instituição profilática do crime.

Atualmente é comum ouvirmos, até mesmo em propaganda de Secretarias de Educação, que “o bom da escola é que ela tira as crianças da rua”. O fato de ele ter interrompido os estudos não foi considerado importante nessa cena em que ele mostrou que “tornou-se um homem de bem”. Essa forma de viver orientada pela necessidade de provar o que “não se é” revela a força do assujeitamento produzido por processos de estigmatização.

Entrevista com um egresso do Projeto Classes de Aceleração

“Se você esforçar, você passa pra 8ª série e sai rápido da escola”.

– Julio, eu queria pensar com você que importância teve a escola na sua vida.

Julio – A escola de tudo ou só a aceleração?

– De tudo, a sua passagem pela escola.

Julio – Pra mim teve um ótimo desempenho, mas a partir do momento que eu comecei na aceleração, como eu falei pra você. Porque eu não tinha desempenho nenhum quando estava repetindo direto, entendeu? Foi isso o que aconteceu comigo. Se não tivesse aceleração eu acho que estaria na 3ª série até hoje, ou na 4ª série. Agora, a partir do momento em que eu comecei a estudar – eu falei pra você, do Antonio [professor da classe de aceleração] – com ele me desempenhei, me dediquei mais ao estudo, mudou a minha cabeça, o meu pensamento.

– *O que mudou?*

Julio – Ah, mudou o jeito de eu me esforçar na escola. O Antonio sempre me dava aquele apoio, eu via que ele tinha vontade de eu aprender, que era bom pra mim. Aí eu fui e me desempenhei, comecei a me esforçar, parar de bagunçar. Eu não me esforçava nem um pouco. O meu negócio era bagunçar, brincar na sala, gritar, zoar, só essas besteiras. Depois que eu comecei a estudar na aceleração, a maneira do Antonio tratar os alunos, parece que me fez dedicar mais.

– *Qual era a diferença do tratamento que o Antonio dava aos alunos?*

Julio – Muita diferença. Tipo: a professora escrevia na lousa e saía para conversar com outras professoras no corredor. O Antonio não. Ele passava lá, sentava na mesa com você, explicava direitinho, mostrava o que é, o que não é. Isso me influenciou a me dedicar. Eu tive mais força de vontade pra me dedicar àquilo, a estudar. Ele falava que era bom para nós, que o futuro não era isso de ficar brincando, que você não vai aprender nada. Então isso me influenciou, entrou em mim. Entrou na mente. E eu comecei a estudar, aprender, me dedicar. Eu coloquei aquilo na cabeça, de querer aprender. Ele me fez entrar isso na cabeça e eu comecei a me desempenhar também.

– *Você diz que o Antonio fez você mudar, ver as coisas de outra maneira. Você disse no outro encontro nosso que se pudesse estar na aceleração, ainda estaria. Como isso ia te ajudar?*

Julio – Ah, de muitas maneiras. Porque antigamente só maior de 15 anos fazia supletivo e eu tinha 13 anos e não podia ir para o supletivo. E o que fizeram? Pra substituir o supletivo, colocaram a aceleração. Só que hoje em dia, pra mim, com a minha idade, não me ajudaria porque tem supletivo, não tem como ir pra aceleração mais¹. A aceleração é um incentivo para pessoa estudar, é um incentivo para pessoa se dedicar ao estudo. Pode falar assim: “Ah, da aceleração, da 5ª eu passo para 8ª, rapidinho”. E a mes-

¹ As classes de aceleração foram feitas para alunos de até 14 anos de idade.

ma coisa que o supletivo, agora o supletivo é dos 14 para cima. Tem muita criança que fala: “Eu vou parar de estudar, não passo de ano, eu vou parar de estudar”. A aceleração incentiva a passar de ano, isso é o que eu acho. A gente não podia entrar no supletivo. A gente era doido para entrar no supletivo: “Ah, vou fazer o supletivo porque eu passo de ano rapidinho e saio fora”. Aí veio a aceleração, o Antonio explicou para gente que a gente podia passar de ano, de dois em dois anos, dependendo do nosso esforço. Porque se você tivesse avançado, você ia até pra 8^a. Ele via o seu esforço: se tivesse tudo certinho, ele passava a prova de 7^a. Aí passava uma só pra você ou para aquela turma que tivesse o mesmo empenho. Aí ia passando, passando outras provas, aí quando ele via que estava bom, ele passava pra uma série maior. Como eu, eu estava na 3^a passei para 6^a, entendeu? Só que aí aconteceram aquelas coisas e eu parei de estudar. Foi esse só o motivo de eu ter parado de estudar. Mas como eu falo, a aceleração teve um motivo muito grande na minha vida, um desempenho muito grande. Não só pra mim, mas pra bastante gente lá. Eu aprendi a ler e escrever e desempenhei bastante na minha letra, em tudo. Eu fazia uns garranchos que não dava nem pra entender (ri). O Antonio: “Não, não é assim, faz uma lettrinha menor”. Até esses caderninhos que têm umas letrinhas, risquinhas pequenas, mandou comprar. Eu comprei [caderno de caligrafia]. Aí, isso me ajudou bastante.

– *E isso é algo que te serve hoje?*

Julio – Ah, com certeza, porque eu aprendi a ler e escrever e um dia eu vou preencher uma ficha numa firma, e eu já sei. Agora se eu tivesse parado de estudar sem ter aprendido nada, o que ia me levar? Eu ia chegar numa firma e não ia saber preencher o meu nome, preencher uma ficha lá.

– *Então, além do fato de ter dado um estímulo, na aceleração você aprendeu coisas? (Isso) E coisas que você considera importantes...*

Julio – É verdade. É muito importante, porque eu acho que todo mundo hoje em dia precisa de estudo. Precisa saber alguma coisa, porque o analfabeto, quando chega numa firma, vai preencher a ficha, erra o nome dele lá e o cara não vai aceitar. Hoje em dia tem que ter pelo menos a 8^a série ou o 1^o colegial completo. Isso que eu acho, que foi o bom pra mim, no passado ter aprendido isso. (silêncio) E também outra coisa que eu já falei: não foi a aceleração, mas sim o Antonio que me ajudou muito, porque me ajudou a desempenhar na escola, a subir, a ter força de vontade pra estudar. Eu não tinha era força de vontade. Eu estava sem ânimo pra nada, pra estudar ficava pensando até em largar de estudar, quando o Antonio chegou em mim: “Olha, é assim, assim, eu te ajudo, o que você não souber

“você pode sentar comigo e nós tentamos juntos, eu te ensino”. Me influenciou muito. Porque é o seguinte: ele não vai passar a matéria forçando. Ele começa de baixo e se você desempenha naquela matéria ele passa outra mais forte, e assim foi me ajudando bastante. Porque eu passei para 3ª série sem saber nada. Eu sabia coisa de 1ª, só.

– *O que você sabia?*

Julio – Quando eu estava na 3ª série eu não sabia escrever, a montar uma sílaba, uma palavra. Eu juntava tudo, grudava tudo e escrevia. Ele: “Não, não é assim, vamos voltar, você vai aprender a montar palavras”. Ele me ensinou, entendeu? Pegava jornal, recortava o jornal para montar palavra. Pegava as vírgulas, montava junto. Isso que me fez colocar na memória de eu aprender aquilo lá. A outra professora passava aquilo na lousa, eu copiava, mandava fazer aquilo e eu não sabia fazer sozinho, sem olhar na lousa. Eu não sabia escrever. Aí aprendi, e hoje em dia ainda eu não sei direito (ri). Ele falava: “Julio, você traz um jornal recortado, você recorta um monte de palavra e traz pra mim”. Aí, chegava lá, ele mandava colar no meu caderno, dizia: “Escreve assim”. Eu ia lá: “Professor, está certo aqui?” – “Está Julinho, está certo.” – “Está certo aqui?” – “Não, está errado, essa palavra é aqui e essa aqui é separada”. Aí é que eu fui aprender. Para passar até a 6ª série. Eu fiquei mais ou menos um ano para passar para 6ª. E aí, o que aconteceu? Eu sabia coisa de 6ª série. Agora, se eu estivesse na sala normal e passasse para 6ª série eu ia saber coisa de 3ª. Ele me capacitou até a 6ª série, dentro de um ano, entendeu? Isso que eu acho interessante na aceleração e no professor. Porque se você tiver um supletivo pago – porque supletivo pago você não repete (irônico) – você paga o supletivo! Beleza, você vai passar de ano. Agora, você aprendeu alguma coisa? Às vezes não aprende nada, não é verdade? Concorda comigo? Pago um supletivo, chego lá na escola, cruzo os braços, sento, o professor está lá se matando e eu estou aqui. Ele não está ligando para mim, liga para o dinheiro que ele está ganhando. Agora, o Antonio não. Ele recebia e recebe até hoje, só que ele queria ajudar, ele não estava se importando com o dinheiro dele. Ele me influenciou a aprender, por causa do jeito dele tratar, um carinho especial, um carinho pelo aluno. Isso que me ajudou bastante também. Aí eu me dediquei, dediquei, cheguei até a 6ª e parei.

– *E esse carinho é o que você dizia que não existia nos professores das classes que você passou...*

Julio – Eu não me dava bem. Eu não me dava bem porque os outros [professores] passavam escrito na lousa, perguntavam pra mim e explicavam só uma vez. Eu não entendia, perguntava de novo, a professora mandava:

“Aprende sozinho, se vira aí”. E saía. Às vezes me deixava até nervoso, eu saía da aula, ia para o pátio, ficava lá. Eu não tinha a atenção da professora. Eu me sentia até meio desprezado pela professora. Eu queria era uma ajuda dela. Quando eu tinha uma coisa que não sabia, catava a folha que eu estava fazendo e jogava fora. “Eu não vou perguntar pra ela, não, se eu perguntar pra ela, eu vou xingar ela”. Então eu amassava a folha e jogava, senão colocava o caderno por baixo da carteira e ficava lá bagunçando. O Antonio não, via que eu estava meio nervoso. Quando eu rasgava uma, amassava, o Antonio vinha na minha mesa: “Cadê a folha, Julinho?” – “Ah, eu vou pegar.” Aí eu pegava e desamassava. “O que está errado aí?” – “Ah, professor, eu não sei como dividir, não”. – “Não? Vem cá. É assim”. A chave, não sei o quê, não sei o que lá. Isso me influenciou muito, ele me explicava tudo. Qualquer coisa que eu precisava ele ficava assim, por debaixo dos óculos, olhando pra mim. Me ajudou bastante. Graças a Deus, aprendi. Não aprendi o que era pra ter aprendido porque não era pra eu ter saído da escola, era pra eu estar terminando agora o meu estudo.

– *Você acha que teve gente que prosseguiu os estudos?*

Julio – Acho não, tenho certeza. A minha cunhada mesmo está no 2º colegial! Você acha que se ela não tivesse passado pela aceleração ela estaria aí? Não estaria, porque o que ela passou na aceleração ajudou muito ela. E a aceleração ajudou muito porque influenciou. A pessoa pensa: “Não, eu passei de ano, estou na 7ª, estou na 8ª, eu vou passar de ano que está pertinho para eu terminar a escola”. Isso que a maioria das pessoas pensa. Eu vou passar de ano e acabar.

– *O importante é acabar o mais rápido possível?*

Julio – Isso. É isso que muita gente pensa. Pensam assim: “Ah, vou chegar na firma, mostro o meu diploma e estou empregado”. Agora, você chega lá, mandam preencher um negócio. Quero ver se ele vai preencher! O que eu falo é que ajudou pra mim, eu não sei os outros. Mas o que me ajudou não foi a aceleração, foi o Antonio. Se não fosse o Antonio eu não ia aprender nada. Eu não tinha aquela força de vontade para estudar.

– *Você acha que ele também dava esse tratamento para os outros alunos?*

Julio – Todos, tratava do mesmo jeito. Só que eu tinha mais contato com ele. Eu me abria mais, eu peguei liberdade de chegar nele e qualquer coisa que eu precisava: “Antonio, vem cá. O que está acontecendo aqui? Isso aqui não está dando certo”. Fazia umas dez, quinze vezes, mas aprendia (ri). Daí aprendia, ele passava outra. Porque é assim, ele passava na lousa

lá, e vinha e passava no meu caderno. Passava na lousa lá e vinha e passava no meu caderno.

– *Ele fazia isso também com os outros alunos?*

Julio – Não. Porque eu ia lá e pedia para ele: “Antonio, passa aí no meu caderno para eu fazer”. Aí ele ia: “Está aqui Julinho, vai lá e faz”.

– *Você não conseguia copiar no caderno, é isso?*

Julio – Isso. É um problema meu, já era problema meu. Eu era nervoso, era muito nervoso, agitado. Aí eu ficava escrevendo, daqui a pouco vinha um negócio em mim, estava tudo certinho, copiadinho, mas me dava um nervoso, eu rasgava a folha e jogava fora. Aí o Antonio já vinha, antes de eu ter esse contato com ele, ele já vinha: “O que aconteceu Julinho, você está nervoso?” Daí eu explicava: “Ah, não, é que eu não consigo copiar”. Aí ele foi e teve uma ideia: “Olha, quando você quiser, você vai lá na minha mesa que eu copio para você e você só faz”. Entendeu? Isso que me ajudou bastante.

– *Por que você acha que era tão nervoso?*

Julio – Ah, eu não sei. Não sei se era a minha mente, o que acontecia, se eu não tinha atenção, porque eu gostava muito de atenção. Eu gostava de sentar com os colegas e todo mundo dar atenção, conversar. As professoras me deixavam nervoso e eu já... faltava engolir elas. Eu era muito nervoso e malcriado. Eu não sabia respeitar as professoras. E elas não me davam respeito e eu não queria dar respeito só porque elas eram mais velhas. Ninguém me respeitava, eu falava: “Ah, ninguém me respeitou, eu não vou respeitar”. Porque muitas vezes a professora chegou a me agredir. Eu fui expulso da escola porque a professora me agrediu. Aí ela estava grávida, eu dei um murro... eu já falei para você, né? Quando eu cheguei na sala do Antonio, tudo mudou pra mim, na minha vida.

– *Até então não se sentia respeitado...*

Julio – Isso. Professora nenhuma me respeitava. Mas não me respeitava por quê? Porque eu chegava nela, perguntava: “Professora, como que é isso aqui? Como que monta uma conta de divisão? Para pôr na chave aqui, como é que é?”. Aí ela: “Aqui, Julinho, é assim, assim, monta aqui, aqui”. Pronto e acabou. – “Professora, mas eu não entendi professora”. – “Ah, fica no seu lugar e se vira!” Aí eu já ficava nervoso: “Ah, professora, você não presta pra dar aula nem no prezinho. Vai pra merda, vai dormir, vai”. Eu saía da sala de aula e descia lá para o pátio. Ficava no pátio lá, nervoso. Só que aí, o que aconteceu? Só a professora Eliana e o Antonio que qui-

seram dar aula para nós. Era eu e outros colegas que eram mais bagunceiros. Os únicos que se sujeitaram dar aula para a gente, foram eles. Aí, quando eu cheguei na sala, vi o tratamento, a mudança, aquele ambiente melhor, me senti melhor. Não era tão agitado para sentar na cadeira e copiar um negócio. Ele falava diferente. Não era ignorância (com voz suave imita o professor Antonio): “O Julio, faz o favor”. A professora não (com voz rude imita a professora): “Julio, vem cá! Julio, sai da sala, vai!” Vamos supor, eu estava conversando com uma menina, com uma colega (com voz muito suave e baixa): “Julio, vem cá. Não fica conversando ali, não. Presta atenção na lousa, eu estou escrevendo, estou falando, presta atenção em mim só... fica olhando para mim” – “Ah, tá bom professor”. Às vezes quando ele começava a falar, entrava profundamente naquilo que ele falava. Aí eu ficava prestando atenção. Caramba! Ele explicava tudinho, tudinho. Aí eu pensava: “O cara está se matando ali, eu vou dar atenção pra ele”. Aí ficava prestando atenção. Daqui a pouco ele dava uma prova sobre aquilo ali. Caía tudo o que ele falou. Aí eu: “Pô, ainda bem que eu prestei atenção”. Aí o que eu fiz? Toda vez que ele falava, eu parava, prestava atenção. Eu me entusiasmei, fiquei impressionado com aquela dedicação dele comigo. Isso me ajudou... me incentivou a estudar, a fazer tudo.

– *Quando falaram, na escola, da aceleração, o que era a aceleração?*

Julio – A aceleração era o seguinte: era para pessoa não desenvolvida, que não conseguia se desenvolver na escola. Como eu falei para você, era uma sala especial. Não era todo mundo que podia entrar lá. Porque o nosso problema era tipo o caso de – como que eu posso dizer? – atrasado na escola, que não conseguia se desenvolver, não conseguia se soltar. Aí, o que aconteceu? A aceleração entrou com esse objetivo de ajudar a pessoa a passar tudo de novo, do primeiro ano até desenvolver. Nós começamos a ter aula de coisas do 1º ano, desde o “a, e, i, o, u”. Nós começamos a aprender. E foi passando, foi passando, “a, b, c, d”, ensinava tudo o que tinha passado, mas voltando na mente.

– *Como era o material de estudo de vocês?*

Julio – Ah! Era bastante coisa. Recorte, colagem, tinha jornal, revista, e ele mandava a gente trabalhar com isso daí... tinha quebra-cabeça. Tudo pra distrair a gente, pra gente se dedicar ao estudo mesmo. Porque, vamos supor, numa prova, ele passava uma prova de montar quebra-cabeça. E aquilo incentivava a gente “Ah, vamos montar mais rápido. Quem montar mais rápido vai ganhar ponto, então vamos montar”. E aquilo ajudou.

Que era, tipo assim, um quebra-cabeça de palavra. Não é fácil um quebra-cabeça de palavra, que às vezes, é fácil ‘ba, be, bi, bo, bu’, aí é fácil fazer. Agora, uma palavra difícil, já é mais complicado de você pôr ali. E a gente conseguia pôr... o que a gente não conseguia, a gente perguntava: “Professor, como é que põe aqui, como é que monta esta letra aqui?”. Ele explicava e aquilo foi ajudando a gente.

– *Você acha que os seus colegas, que estavam com você – porque você e o Wilson falaram que a aceleração ajudou a tirar da rua os meninos que usavam droga – você acha que a classe de aceleração produziu alguma melhora para esses meninos?*

Julio – Ah, teve muita, porque o incentivo que teve da aceleração não foi só para nós. Porque o Antonio falava: “Se você se esforçar, você passa pra 8ª série e sai rápido da escola. Vocês vão se ajudar e ajudar todo mundo”. O que o Antonio fazia? Ia buscar em casa se faltasse. Vamos supor, quando alguém faltava três dias, ele ia ver o que aconteceu com a pessoa, ia na casa, que ele tem o endereço. Ele pegava e ia na casa do aluno.

– *Isso aconteceu com você?*

Julio – Aconteceu comigo e com a Vânia [cunhada]. A Vânia cabulava aula. Uma vez ela cabulou, o que ele fez? Viu onde ela estava, foi na casa da mãe dela, buscou ela, levou lá na escola. Pegou no flagra cabulando. Qualquer falta, ele já ia ver o que estava acontecendo, por que não queria ir para escola, se estava doente.

– *Você falou da preocupação do Antonio com os alunos, não é? Você acha que a escola se preocupa com os alunos?*

Julio – Ah, não. A escola não. São poucos. (pausa) Se preocupa, sim, quando você faz alguma coisa errada lá. Eles vêm em casa avisar. Vamos supor, uma advertência, uma suspensão, eles vêm em casa avisar. Agora quando o aluno falta dois, três dias, a diretora manda vir aqui? Manda não. A diretora quer saber do dela. Onde dá a suspensão, dá a advertência. Agora, hoje em dia, a diretora é amiga minha, dá valor em mim. Por quê? Antigamente ela falava assim: “Ah, esse moleque vai ser bandido, vai ser ladrão” – falava pra mim, falava pra minha mãe. Minha mãe cansou de chorar lá porque ela falava isso. Ia embora chorando: “Ah, seu filho vai ser ladrão quando crescer, vai ser maconheiro, vai ser traficante”. Meu filho nasceu, eu trabalhando, fui lá. Todo social, todo arrumado, cabelinho cortado, barba feita, minha esposa toda bonitona. Cheguei lá com meu filho, mostrei meu filho para todo mundo. No que ela me viu, ficou assim parada, olhando. E eu cheguei nela, falei assim: “Está vendo, Maíra, hoje em dia

sou um homem, não sou aquilo que você falou, não.” “Ah, me perdoa” (afina a voz, em tom meigo, imitando a diretora), ela falou. Me abraçou e começou a chorar. Por quê? Eu mostrei pra ela o que eu sou hoje em dia e o que eu era antigamente. Pode perguntar para todo mundo, ela chorou lá com todo mundo, me pediu perdão. Eu fiquei até emocionado, eu falei: “Pô, meu, a mulher chorando...”. Só que nunca deu valor... nunca chegou a falar: “Ah, Julio, muda. Julio, não faz isso”. Que eu gostava mais era de brigar. O que ela fazia? (com tom autoritário) “Ah, você brigou? Toma aqui a advertência e traz tua mãe. Se não vier a tua mãe, você não entra!”. Nunca ninguém me deu apoio lá. O único que me dava apoio era o Antonio. Esse período que eu passei fora do Antonio, que eu não estava com o Antonio, o que eu queria fazer? Eu só queria saber de brincar, de zoar. Se eu tivesse me desempenhado desde o começo, fazer a lição e depois brincar...

– *Você acha que isso dependia de você, que era sua responsabilidade?*

Julio – Dependia de mim. Porque eu podia dar atenção para professora, fazer minha lição e daí perguntar: “Está certo, professora?” – “Não” – “Ah, se não está certo, eu vou tentar corrigir aqui. Então o que está errado?”. Podia ser bom para mim. Mas, como eu falei, se a professora se dedicasse um pouco, um pouco, eu ia me dedicar pra ela. A partir do momento em que eu encontrei o Antonio, o que eu fiz? Eu me dediquei pra ele. Eu me dediquei a ele. Não ao trabalho dele. A aprender o que ele estava falando ali. Às vezes [antes de ser aluno do professor Antonio] eu tinha terminado a lição, tava aquela bagunça, não dava pra entender nada. A professora mandava rasgar a folha e começar de novo. Puta que pariu! Aí, eu ficava doido.

– *E o que sobra disso tudo, desses anos todos?*

Julio – Ah, sobra que eu tive uma oportunidade... assim, oportunidade, como eu posso dizer, já passada. Já tive a oportunidade no meio do tempo. Se eu tivesse aquela oportunidade no primeiro ano de escola, eu acharia que tinha me desenvolvido bastante. Eu tinha, hoje em dia, terminado o meu estudo... eu ia estar num emprego bom... se eu tivesse aquela oportunidade, eu acho que eu... Isso que me sobra na memória, assim, de falta. A única coisa que não teve de bom foi aquela oportunidade não ter sido antes. Foi aquela oportunidade já... no meio. Eu acho assim. Se eu tivesse antes, eu acho que teria me dedicado mais ainda, não tinha pensado em ter filho agora, tinha pensado em terminar meu estudo primeiro e amanhã, ou depois, ter uma coisa pra mostrar pra meu filho. Algo que eu fiz na vida.

– *Teve alguma relação entre você ter tido o filho e parado de estudar?*

Julio – Quando eu comecei a namorar a Vanessa, eu falei: “Vou parar de estudar, vou arrumar um serviço, vou construir minha casa e... nós vamos casar”. Falei para ela. Só que fiz a besteira – besteira, não! – me adiantei muito. Engravidei ela. Foi uma coisa que eu quis, não aconteceu por acaso, eu quis. Só que eu devia ter terminado aqui [a casa]. Eu morei quase um ano na minha mãe. Atrasei mais ainda a minha vida porque morei lá, porque se eu tivesse construído aqui, tudo bonitinho... Mas o que eu podia fazer? Estava casado, não estava mais naquela vida, poderia ter voltado a estudar. Só que eu também tinha vontade de estudar. Agora que eu perdi mesmo.

– *Perdeu mesmo, por quê?*

Julio – Porque hoje em dia, com estudo você não arruma serviço, eu estou vendo isso daí. Sei que muitas pessoas lá do serviço do meu pai, trabalhando de empregado, ganham dez reais para trabalhar das seis horas da manhã até às oito horas da noite. Dez reais! Com estudo completo. Com 2º grau, 1º grau... todo mundo na rua. E tem gente, como o cara da rua aqui debaixo – colega da gente há muito tempo – analfabeto não sabe escrever o nome dele... Ele está lá numa firma boa da porra. O cara está de gerente lá... como é que pode isso? Te juro, você manda ele escrever o nome dele, ele não escreve. Nem o nome dele. Está lá na firma de gerente. E quem tem estudo completo... nada. Para que exigir estudo? Muitas firmas... você chega falando que tem a 6ª série, a 7ª série, eles não pegam você. É certo, escola é bom, mas... eu vou fazer o quê? Eu tenho filho, hoje em dia. Eu vou tentar pôr ele na escola também, né? Porque eu não quero pra ele o mal que eu tenho hoje. Eu não tenho serviço bom. Só que o que eu vou fazer? Eu tentei arrumar um serviço bom... mesmo que eu continue com o meu pai, que eu tô ganhando o quê? Quase 600 paus. Dá para juntar dinheiro, abrir uma conta no banco, juntar um dinheiro bom e, amanhã ou depois, pagar a faculdade, pagar um curso bom para o meu filho, pra ele aprender. Hoje é muito desemprego! Muito desemprego! Por quê? Computador também já tirou o emprego de muita gente. Deu emprego para quem? Para quem tem dinheiro. Até esses tempos atrás, não tinha curso de graça nem a pau. Agora que o governo está começando a montar curso. Um curso de computador é 300, quase 400 paus, quase ninguém tinha. Só os *playboyzinhos*. Agora tem computador que atende telefone e então tira o trabalho da telefonista. Ainda agora eu vi na televisão um monte de robô fazendo carro. Pô, isso vai tirar serviço de muita gente, se isso for acontecer no Brasil! E pra quê vai adiantar estudo? O robô vai ter estudo? Não vai! É o computador que vai trabalhar e vão mandar os outros embora. O que vai acontecer? Vai existir mais ladrão, mais traficante... é a única coisa que dá pra fazer. Já que não tem como colocar robô pra

passar droga. Então, é isso que vai acontecer, os homens passam a droga. Eu espero, tenho fé em Deus que eu esteja vivo até lá e você também pra você ver. Porque... a única coisa que vai acontecer é isso. O que está adiantando o estudo? O estudo é bom porque você aprende a falar. Falar um português claro, você aprende isso. Só que muita malandragem aprende também. Aprende de verdade!

– *O que você aprendeu nesse mundo da malandragem?*

Julio – Ah o mundo da malandragem, aprendi a ser humilde, virei humilde, um cara humilde. Na escola você aprende isso aí também. Aprende a passar droga, aprende a fumar, aprende a roubar, aprende a matar. Na escola! Isso aí eu posso te garantir. Porque, muita escola que eu frequentei aí, quando eu não era casado, só dava isso. Hoje em dia você não tem pra onde correr.

– *Você está falando que o mundo da malandragem está dentro da escola?*

Julio – Isso. A malandragem era aqui, a escola era aqui. Hoje em dia está tudo aqui, ó, tudo misturado. Que antigamente você ia pra escola, seu filho ia pra escola: “Boa! Se está lá, meu filho está seguro!”. Hoje em dia, seu filho vai pra escola e “Meu Deus do céu! Ele está na escola! Eu acho que eu vou lá buscar ele”.

– *Por que você acha que isso aconteceu? O que mudou?*

Julio – Policiamento também entra nessa parte. Antigamente não pisava na escola se não mostrasse o documento. Hoje em dia você vai lá, mata um, mata um e fica lá. Polícia demora pra chegar, demora mais do que uma hora. Dá tempo de matar mais uns dez e sair fora. Policial, policiamento, antigamente era uma coisa, hoje é outra. Hoje em dia tem muita gente que tem medo de polícia e não tem medo de ladrão. Então eu acho que hoje em dia é a lei do cão.

– *E o que dá para fazer hoje?*

Julio – Hoje em dia? Nada. O jeito é se sujeitar a tudo. Tudo o que aparecer pra você fazer, você tem que fazer. Porque mais pra frente, você não tem nada pra fazer. Hoje em dia a solução é abrir um comércio, tentar se levantar, ter algum lugar para você se levantar, alguma renda, e viver a vida ali. Porque é a única coisa que se pode fazer, trabalhar. Às vezes, você arruma um serviço bom. Você tem que aproveitar, cara. Tem que aproveitar o serviço, porque, se não aproveitar, já era. É a única chance. Hoje é difícil de viver. E tem outra coisa, o governo está gastando esse dinheiro

com um monte de escolas... aqui embaixo tem uma escola, aqui tem outra, ali tem outra... tudo do lado! Cada coisa grande da porra! Ali vão uns 200 mil reais. Ou bem mais! Agora, o que eles podiam fazer? Montar mais Frente de Trabalho, dar mais vaga pra quem não tem trabalho, limpar esses rios aí... cuidar desse negócio da dengue, pô! Colocar essa Frente de Trabalho ali, contratar mais pessoas pra limpar a rua. Você acha que não daria dinheiro? Não ia abrir emprego pra mais gente?

– *O governo está investindo muito em escola e pouco pra gerar emprego?*

Julio – Isso.

– *Você acha que essas escolas não têm utilidade?*

Julio – Muito pouca utilidade. Do jeito que está não tem utilidade. Se fizesse mais supletivo em vários horários... Porque tem gente que trabalha de noite, e tem gente que trabalha de dia. Hoje em dia, a maioria dos supletivos é pago. Pra uma pessoa pagar a condução para fazer o supletivo, já está difícil. Não tem recurso, entendeu? Isso que eu quero dizer. Falta de escola, de escola para adulto.

Entrevistador: Nelson Passagem Vieira

Edição final: Adriana Marcondes Machado